

**RUMO A MIKLAGARÐR: CONEXÕES ESCANDINAVO-BIZANTINAS NA ERA
VIKING**

**TOWARDS MIKLAGARÐR: SCANDINAVIAN-BYZANTINE CONNECTIONS IN
THE VIKING AGE**

Allan Camuri¹

Resumo: a partir da segunda metade do século VIII, os escandinavos iniciaram um processo de expansão marítimas direcionadas tanto ao Ocidente, quanto ao Oriente, sendo essas últimas lideradas principalmente por facções oriundas da Suécia. Dentre as viagens escandinavas da Era Viking, as terras sob influência bizantina consistiram em um dos destinos mais almejados, onde as forças escandinavas atuaram nas operações de defesa, além de estabelecerem relações comerciais consistentes. Qual a natureza da conectividade escandinavo-bizantina na Era Viking? Quais foram seus desdobramentos para as sociedades bizantina e escandinava, especialmente a sueca? Este artigo busca compreender essas problemáticas, lançando mão do diálogo entre a documentação textual, epigráfica e arqueológica.

Palavras-chave: Escandinávia, Constantinopla, varegues, estelas rúnicas

Abstract: From the second half of the 8th century onward, the Scandinavians began a process of maritime expansion directed both westward and eastward, with the latter being led primarily by factions originating from Sweden. Among the Scandinavian voyages of the Viking Age, lands under Byzantine influence were among the most sought-after destinations, where Scandinavian forces participated in defense operations and established consistent trade relations. What was the nature of the Scandinavian-Byzantine connectivity during the Viking Age? What were its repercussions for Byzantine and Scandinavian societies, particularly Swedish society? This article seeks to address these questions by engaging with textual, epigraphic, and archaeological documentation.

Keywords: Scandinavia, Constantinople, Varangians, runestones

¹ Mestre e Doutorando em História pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH/UERJ). E-mail de contato: allancamuridark@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3037-7290>. Durante a preparação deste artigo, o autor utilizou a ferramenta <https://openai.com/chatgpt> entre os dias 12/01/2025 e 14/01/2025, exclusivamente para fins de correção gramatical e coesão textual em alguns parágrafos. Após utilizar esta ferramenta, o autor revisou e editou o artigo novamente, conforme necessário, assumindo total responsabilidade pelo conteúdo e sua publicação.

Introdução

A historiografia tradicional sobre o fenômeno viking² na Idade Média, que se concentra nas expansões das populações escandinavas a partir da segunda metade do século VIII, tem dado grande ênfase às incursões das facções nórdicas na Europa Central e Ocidental. Contudo, estudos mais recentes têm ampliado o foco para as investidas e fluxos migratórios rumo ao Oriente³, com destaque para as rotas que partiam da costa sueca e de pontos estratégicos no Báltico. As evidências arqueológicas revelam uma presença nórdica não apenas no mundo eslavo, mas também no coração do Império Bizantino⁴, evidenciando a complexidade e extensão dessas interações.

O saque ao mosteiro de Lindisfarne, localizado no reino inglês da Nortúmbria, em 793, é frequentemente apontado como o marco inicial da chamada 'Era Viking'⁵, que se estendeu até o século XI. Contudo, o arqueólogo Neil Price argumenta que as primeiras evidências concretas das incursões vikings foram, na realidade, detectadas nas imediações do Mar Báltico (PRICE, 2021, p. 290). Em 2008, foram iniciadas campanhas arqueológicas focadas no estudo

² Reconhecemos que o uso do termo 'viking' para designar os povos escandinavos em sua totalidade é inadequado. Embora P. H. Sawyer considere o termo válido devido à sua ampla utilização (SAWYER, 1982, p. 1), neste artigo optamos por empregar expressões como 'escandinavos', 'suecos' ou por especificar as localidades de origem, quando pertinente. Julian D. Richards destaca que esses povos se identificavam principalmente a partir de localidades delimitadas, sem desenvolver uma identidade étnica unificada, ainda que compartilhassem manifestações culturais semelhantes, como a língua nórdica antiga. Segundo Richards, o termo 'viking' refere-se essencialmente a uma ação: incursões, saques e conquistas (RICHARDS, 2005, p. 3-4).

³ Apesar de não se tratar especificamente de um estudo voltado para as expansões escandinavas na Era Viking, ressaltamos a relevância da tese de doutoramento de André Szczawlinska Muceniecks, defendida em 2014, uma das primeiras publicações em língua portuguesa que retrata a conexão escandinava com o Oriente. O autor aborda as ressignificações do Leste na documentação escandinava dos séculos XIII e XIV, ressaltando o prisma cristão, que modulou as representações do Leste no imaginário escandinavo tardo-medieval. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002829785>. Acesso em 09/05/2025.

⁴ Apesar de utilizarmos com recorrência a nomenclatura 'Império Bizantino', destacamos que na perspectiva de Constantinopla não houve um 'império romano do Oriente' e nem mesmo um 'império bizantino'. As elites imperiais e a população, não se restringindo ao centro de poder bizantino, enxergavam essa vasta unidade política como sendo o Império romano propriamente dito (KALDELLIS, 2017a, p. 207).

⁵ Apesar de também problematizar o emprego do termo 'viking', Neil Price defende a utilização do recorte denominado 'Era Viking', afirmando que os 300 anos que se seguiram à expedição em direção a Salme acabaram moldando o Norte da Europa por todo o milênio seguinte (PRICE, 2021, p. 28). O autor notavelmente contesta Lindisfarne como marco inicial desse recorte, adotando uma perspectiva que engloba o conjunto de incursões empreendidas a partir do Báltico.

das embarcações de Salme⁶, localizadas nas proximidades da Estônia. Análises de rádio-carbono revelaram que os restos humanos e outros artefatos datavam de meados do século VIII, período que corresponde ao intervalo entre a fase Vendel e o início da Era Viking⁷. O tipo de armamento encontrado nas embarcações confirmou que grande parte dos marinheiros eram escandinavos originários da Suécia, que sofreram derrota militar frente às forças locais (PEETS; ALLMÄE; MALDRE, 2010, p. 29).

Os achados de Salme evidenciam algumas das primeiras viagens escandinavas ao Oriente, cujos vínculos se consolidariam especialmente no final do século VIII e ao longo do século IX, quando grupos suecos estabeleceram assentamentos e percorreram as rotas fluviais do Oeste russo, como os rios Don, Dnieper e Volga (RICHARDS, 2005, p. 57). Por meio dessas vias, os escandinavos alcançaram o Mar Negro e Constantinopla, onde desempenharam papéis políticos e econômicos significativos, modulando as relações de conectividade entre bizantinos e escandinavos durante a Era Viking. A articulação entre os registros materiais, textuais e epigráficos tem se mostrado essencial, como será apresentado ao longo deste artigo, para a compreensão dos laços escandinavo-bizantinos nesse período. Utilizando esses três tipos de documentação, nosso objetivo principal é explorar a natureza dessa relação e seus impactos nas dinâmicas políticas e no contexto social de produção de Constantinopla e da Suécia, além de atestar a profundidade dos impactos culturais escandinavos no Leste, os quais foram emblemáticos dentre as migrações escandinavas durante a Era Viking.

A primeira parte do artigo busca explorar essa rede de conectividade de forma abrangente, abordando documentações textuais que apontam suas origens, além da difusão da materialidade bizantina na Suécia desde o século IX. A partir dessa documentação, trabalharemos também com a relevância da guarda varegue bizantina para compreendermos essa relação.

O segundo tópico centra-se nas narrativas das sagas islandesas, mais precisamente a *Haralds saga Sigurðarsonar* e a semi-lendária *Yngvars saga víðförla*. Buscamos aqui a representação de Constantinopla nas viagens escandinavas ao Leste, expressa pela literatura islandesa do século XIII, que resgata a memória das antigas passagens dos escandinavos pelo

⁶ Novas campanhas e descobertas também foram realizadas em 2010, 2011 e 2012.

⁷ De acordo com a periodização utilizada na escandinavística, o período Vendel sueco vai de 550 a 750, enquanto a Era Viking se estende de 750 até aproximadamente 1050 (PRICE, 2021, p. 83).

Império Bizantino. Poderíamos utilizar também outras narrativas, mas ambas acabam suprindo as necessidades e os limites analíticos propostos pelo artigo. A *Haralds saga Sigurðarsonar* é particularmente relevante para a nossa pesquisa, pois além de refletir o imaginário escandinavo em relação à Constantinopla e ao Império, consiste em uma documentação fundamental para a compreensão da guarda varegue, que, como veremos, foi integrada majoritariamente por forças escandinavas. O destaque para essas sagas permite não apenas mapear o papel de Constantinopla como um destino prestigioso, mas também compreender como os escandinavos enxergavam sua interação com o mundo bizantino.

Por fim, no último tópico iremos debater a respeito da cultura material sueca e como algumas estelas rúnicas, encontradas principalmente em Uppland e Södermanland, expressam de forma incisiva a conexão escandinavo-bizantina, tanto no que se refere à dimensão comercial quanto política. Em virtude da abundância de documentos e das possibilidades de análise, nos concentraremos principalmente nessa última parte, que evidencia os impactos dessa conexão na produção sueca e na organização político-militar bizantina. Dessa forma, o estudo das estelas rúnicas, em diálogo com as fontes literárias, reforça a importância dessas trocas no imaginário coletivo escandinavo e nos vínculos estabelecidos entre o norte da Europa e o império do Oriente.

I - Evidências da conexão entre Suécia e Bizâncio: trajetórias e alianças

Uma das documentações textuais mais importantes para analisarmos a presença de suecos no Império bizantino são os *Annales Bertiniani*⁸. Na entrada referente ao ano de 839, o documento apresenta facções suecas junto aos embaixadores do imperador Teófilo, que estavam em missão diplomática no reino franco:

⁸ Conjunto de crônicas escritas originalmente em latim, cujo objetivo foi documentar eventos que ocorreram no Império Carolíngio entre os anos de 830 e 882, sendo uma fonte relevante para a compreensão da recessão econômica do reino franco durante esse recorte, assim como também a emergência de saques e migrações escandinavas na Europa Cristã. O documento não detém uma única autoria, sendo atribuído a diversos escritores de orientação eclesiástica, como por exemplo Prudentius e Hincmar de Rheims (NELSON, 1991, p. 6 – 13). A versão que dispomos dos *Annales Bertiniani* foi traduzida do original em latim para o inglês por Janet L. Nelson. Os trechos referenciados dos *Annales Bertiniani* contém tradução própria da versão em inglês para o português.

Os emissários de Teófilo⁹, imperador dos Gregos [Bizantinos], chegaram trazendo ricos presentes para o imperador Luís¹⁰ [Luís Pio], solicitando auxílio contra os sarracenos. Entre eles estavam também representantes de um grupo sueco, que se autodenominavam Rhos. Declararam ter sido enviados por seu rei até Constantinopla e, acompanhando os emissários mencionados, buscavam retornar às suas terras sob a proteção do imperador Luís, já que os povos pelos quais precisavam atravessar eram tão hostis que não permitiriam sua passagem. Após investigar mais detalhadamente as razões de sua vinda, Luís constatou que eles pertenciam à nação dos suecos (*Annales Bertiniani*, 839, apr. 6.)

A análise do trecho indica que os escandinavos já se encontravam no seio do Império Bizantino pelo menos a partir da década 830. Ademais, é perceptível que mantinham uma relação minimamente conciliatória com as elites imperiais, já que acompanharam os emissários na jornada que ia de Constantinopla à Frankia. O texto afirma que os suecos almejavam a proteção dos francos para retornarem à Escandinávia, o que pode ter impulsionado sua participação na comitiva bizantina. Na perspectiva do autor Ildar Garipzanov, a entrada 839 dos *Annales Bertiniani* também é significativa para traçarmos a origem escandinava dos Rhos (GARIPZANOV, 2006, p. 7). Dialogando com essa documentação, a *Crônica Primária Russa*¹¹ também irá atrelar os Rhos às regiões nórdicas, incluindo a Suécia. O documento comenta sobre a emergência dos Varegues Rhos na Rússia e em como eles impuseram tributações às populações eslavas locais (*Crônica Primária Russa* 6367/859) e, em seguida, afirma que “esses Varegues específicos eram conhecidos como Rhos, assim como alguns são chamados de suecos, e outros de normandos, ingleses e godandos/gotlandeses¹², pois assim eram denominados” (*Crônica Primária Russa* 6368 – 6370/860 – 862). Para Wladyslaw Duczko, o compilador das Crônicas considerou os Rhos como

⁹ Imperador bizantino de 829 até 842.

¹⁰ Rei dos francos de 814 até 840.

¹¹ Documento atribuído a Nestor, que faleceu no início do século XII. Os escritos, no entanto, também foram compilados a partir de autores que precederam e que sucederam Nestor (CROSS; SHERBOWITZ-WETZOR, 2012, p. 3). Apesar de ser uma documentação póstuma ao século IX, seus escritos dialogam em alguns aspectos com o *Annales Bertiniani*, podendo ser considerados um registro textual imprescindível para a compreendermos a emergência dos escandinavos na Rússia. A versão que dispomos foi traduzida do original em eslavo eclesiástico para o inglês por Samuel Hazzard Cross e Olgerd P. Sherbowitz-Wetzor. Todos os trechos citados da *Crônica Primária Russa* foram tradução própria do inglês para o português.

¹² A tradução do documentos utiliza o termo ‘godanders’, uma forma arcaica para fazer referência aos habitantes da Gotlândia, ilha Báltica localizadas nas imediações da costa sueca, e considerada por pesquisadores como parte integrante da Escandinávia da Era Viking, compartilhando traços culturais especialmente com os suecos.

sendo grupos escandinavos que se deslocaram do Norte da Europa para o Leste, estabelecendo assentamentos e organizações sociais para além do Báltico (DUCZKO, 2004, p. 10).

Dessa forma, tanto os *Annales Bertiniani* quanto a *Crônica Primária Russa* vinculam os Rhos à Escandinávia. As conexões da Bizâncio sob administração do imperador Teófilo com os suecos também é ratificada pela cultura numismática. Achados arqueológicos de tesouros encontrados em núcleos urbanos como Hedeby e Birka¹³ revelaram moedas produzidas nos tempos de Teófilo, contendo sua iconografia. Florent Audy, que trabalhou com a numismática bizantina na Escandinávia, afirma esses achados arqueológicos trazem luz acerca da entrada 839 dos *Annales Bertiniani*, concedendo comprovações materiais a respeito da conectividade entre os mundos escandinavo e bizantino. Segundo o autor, a presença dos Rhos na atividade diplomática de Teófilo na Frankia e seu subsequente retorno ao Norte podem ter contribuído com a circulação das moedas bizantinas em assentamentos escandinavos já no século IX (AUDY, 2016, p. 148 - 149). Apesar de algumas amostras da numismática bizantina dos tempos de Teófilo terem sido encontradas em Hedeby, como exemplificado na **Figura 1**, a Suécia, local de origem dos Rhos mencionados nos *Annales Bertiniani*, foi a segunda região com maior quantitativo de moedas bizantinas em seus tesouros, ficando atrás apenas da Gotlândia (AUDY, 2016, p. 147).



¹³ Hedeby era um assentamento localizado ao Sul de Ribe, integrando a Dinamarca na Era Viking e sendo vital para o desenvolvimento das redes comerciais escandinavas. Atualmente a região que corresponde à localização desse assentamento é parte da Alemanha. Birka foi um dos centros comerciais mais importantes da Escandinávia medieval, sendo localizado na Suécia, próximo à Uppsala.

Figura 1: Nomisma¹⁴ de Teófilo encontrado em Hedeby. Disponível em: AUDY, 2016, p. 148.

Florent Audy e Helle Horsnæs destacam que um grande número de moedas bizantinas, especialmente as de prata, foi reaproveitado para fins estéticos na Suécia. Segundo Audy, essas moedas frequentemente eram perfuradas para que pudessem ser usadas como pingentes, indicando uma ressignificação cultural do objeto originalmente monetário (AUDY, 2016, p. 150). Horsnæs reforça essa análise, apontando que o uso decorativo das moedas reflete uma integração entre o valor simbólico e funcional desses artefatos no contexto escandinavo (HORSNÆS, 2015, p. 51). No entanto, a função econômica do metal das moedas bizantinas também foi preservada em certos contextos. Tanto Florent Audy quanto Helle Horsnæs destacam que, além do uso estético, muitas dessas moedas passaram por um tratamento secundário, sendo frequentemente fragmentadas ou recortadas. Esse processo tinha como objetivo facilitar transações comerciais, já que o valor passava a ser determinado pelo peso do metal em vez de sua face monetária original (AUDY, 2016, p. 150; HORSNÆS, 2015, p. 51). Esse reaproveitamento evidencia não apenas a circulação das moedas em territórios escandinavos, mas também a adaptação de seu uso para atender às necessidades econômicas locais. A escandinavista Charlotte Hedenstierna-Jonson, especialista no estudo do assentamento de Birka, na Suécia, aponta que não apenas a cultura numismática viajou de Bizâncio à costa sueca. Em Birka, a autora destaca que foram encontrados diversos elementos da indumentária bizantina, presentes em sítios mortuários, atuando como bens de prestígio dentre importantes segmentos sociais suecos da Era Viking (HENDENSTIERNA-JONSON, 2015, p. 142).

A presença de indumentárias, moedas bizantinas e os diferentes usos que lhes foram atribuídos nas sociedades nórdicas evidenciam os profundos impactos políticos e socioeconômicos da conectividade entre escandinavos e bizantinos. A ampla disseminação das moedas em regiões como Suécia, Gotlândia e outras partes da Escandinávia não apenas confirma as relações descritas em documentos textuais, como os *Annales Bertiniani*, mas

¹⁴ Moeda feita em ouro no Império Bizantino. A imagem em questão está incolor, o que impossibilita a identificação precisa da coloração do metal utilizado nessa produção numismática. Apesar da presença do *nomisma* na Escandinávia da Era Viking, as *miliaresia*, cunhadas a partir da prata, foram as moedas bizantinas mais abundantes na região, especialmente na Gotlândia e na Suécia. Moedas de bronze, denominadas *folles*, também foram encontradas em escavações arqueológicas, com mais preponderância na Gotlândia e na Suécia, tal como as produções em prata (AUDY, 2016, p. 145 – 147).

também ilustra a multiplicidade de funções atribuídas à materialidade bizantina pelos nórdicos. Essas moedas foram reutilizadas tanto como símbolos de *status* e identidade cultural quanto como instrumentos de troca econômica. Ainda que a circulação de artefatos bizantinos tenha desempenhado um papel significativo no Norte da Europa, é igualmente essencial voltar o olhar para a presença escandinava em Constantinopla, elemento que complementa essa dinâmica de interação entre as duas culturas.

Os principais registros que temos acerca da presença escandinava em Constantinopla são provenientes de inscrições epigráficas produzidas pela guarda varegue, uma espécie de força de elite e guarda pessoal dos imperadores bizantinos, que se constituí em fins do século X, sendo integrada quase em sua totalidade por guerreiros escandinavos (PRICE, 2021, p. 439). As principais epigrafias foram identificadas na catedral de *Hagia Sophia*¹⁵, local onde ocorriam os cultos à família imperial. Neil Price apresenta uma descrição interessante de um contexto hipotético que pode explicar a origem dessas epigrafias:

[*Hagia Sophia*] é o lugar onde os membros da família imperial se sentavam quando participavam de cerimônias públicas, e deviam estar acompanhados pelos varegues. Dá para imaginar os homens da guarda real de pé, de vigia – entediados por mais uma cerimônia interminável em uma língua que não entendiam –, usando uma lâmina escondida na palma da mão para, secretamente, esculpir seus nomes para a posteridade (PRICE, 2021, p. 439 – 440).

Atualmente as inscrições podem ser verificadas em primeira mão, já que *Hagia Sophia* tornou-se um museu aberto à visitação na Turquia. Uma das epigrafias que mais chama atenção pode ser verificada na **Figura 2**. As runas, que podem ser traduzidas por “Halfdan cravou esses runas”, evidencia o nome do sujeito-autor da inscrição, em uma clara intenção de registrar sua presenç a em Constantinopla. Notavelmente as motivações de Halfdan permanecem obscuras, mas é bem possível que o tédio durante os longos e cansativos ritos cerimoniais da catedral bizantina, tal como nos informa Price, pode ter atuado como pano de fundo para que esse guerreiro registrasse a sua estadia no centro administrativo do império.

¹⁵ Conhecida também como Basílica de Santa Sofia, foi construída sob administração do imperador Justiniano I entre 532 e 537, e deteve funcionalidade tanto na esfera religiosa quanto na dimensão política bizantina, expressando o poder e atuando como local de culto à personalidade do imperador.

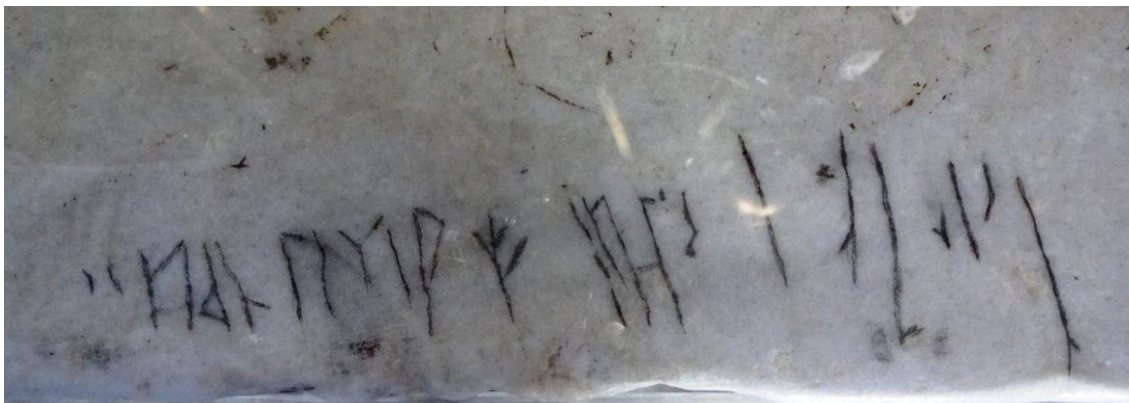


Figura 2: inscrição rúnica escandinava em *Hagia Sophia*. Pode ser traduzida por: “Halfdan cravou essas runas.” Disponível em: <https://www.atlasobscura.com/places/viking-runes-at-hagia-sophia>. Último acesso em 06/12/2024

Para compreendermos as origens da guarda Varegue em fins do século X, é imprescindível que retomemos a questão dos Rhos. A documentação de John Skylitzes, intitulada *Sinopse da História Bizantina: 811 – 1057*¹⁶, produzida entre fins do século XI e princípios do século XII, narra os eventos da construção da guarda varegue bizantina, em um período em que algumas populações de origem escandinava da Rússia se encontravam sob administração de Vladimir de Kiev¹⁷. Esse príncipe sela uma aliança com o imperador Basílio II¹⁸ de Constantinopla, enviando forças Rhos para atuarem como contingente militar mercenário no coração de Bizâncio.

¹⁶ Escrito originalmente em grego medieval, a versão que dispomos contém tradução do original para o inglês por John Wortley. Todas as citações referentes a *Sinopse da História Bizantina: 811 – 1057* presentes nesse artigo foram traduções próprias da versão em inglês para o português.

¹⁷ Reinou como grão-príncipe de Kiev e governante dos Rhos no período que corresponde ao fim do século X e princípios do século XI, sendo canonizado pela Igreja Cristã Ortodoxa em virtude de seu papel significativo na conversão de populações locais ao cristianismo ortodoxo. Durante seu governo, após a sua conversão, muitos Rhos acabaram se voltando à religiosidade cristã.

¹⁸ Reinado entre 976 e 1025, marcado por alianças militares com príncipes russos e pela emergência da guarda pessoal varegue. Co-governou junto ao seu irmão, Constantino VIII. No entanto, Basílio II notavelmente foi protagonista no direcionamento da política bizantina dentre ambos os governantes do império. O período administrativo de Basílio II é marcado por uma espécie de ressurgimento do poderio político, econômico e militar de Bizâncio, com a reconquista de alguns territórios e expansão do cristianismo ortodoxo, que a partir de 987, abraça Vladimir de Kiev e um grande contingente das populações Rhos. Conforme argumenta Anthony Kaldellis, a cristianização dos Rhos promovida por Vladimir não apenas consolidou seu domínio sobre o reino, como também facilitou sua inserção nas dinâmicas políticas e religiosas do Ocidente. No entanto, Kaldellis observa que, após esse processo, Vladimir passou a considerar os Rhos como uma presença potencialmente destabilizadora para seu regime, o que teria motivado seu subsequente envio a Constantinopla (KALDELLIS, 2017b, p. 98).

A passagem 46 do livro XIII da obra de Skylitzes consiste no trecho mais explícito acerca desse processo histórico: “Anna, irmã do imperador, morreu na Rússia, precedendo a morte de Vladimir, seu esposo. Em seguida, um homem chamado Chrysocheir, ligado a ele, reuniu um grupo de oitocentos homens e partiu para Constantinopla, aparentemente com o propósito de servir como mercenários.” (*Sinopse da História Bizantina: 811 – 1057*, XIII: 46). Assim, o contingente mercenário varegue no século X emerge a partir de uma aliança militar entre as elites imperiais e a administração de Kiev, aliança que já havia sido reforçada por laços matrimoniais entre Vladimir, o grande, e Anna Porphyrogenita, irmã de Basílio II. Na perspectiva de Sverrir Jakobsson, Basílio II necessitou desse suporte militar enviado por Vladimir para aplacar forças locais no império que ameaçavam o seu reinado (JAKOBSSON, 2017, p. 652). O contexto dessa aliança externa e os objetivos de manutenção do poder da elite política bizantina podem explicar a natureza pessoal e privativa da guarda varegue, que por sua vez carregava consigo a ampla experiência militar escandinava na Rússia.

II - *Miklagarðr*: As Expedições a Constantinopla nas Narrativas das Sagas

A *Haralds saga Sigurðarsonar*¹⁹ também constitui uma fonte textual significativa que atesta as conexões escandinavo-bizantinas durante a Era Viking, destacando, em particular, o papel da Guarda varegue. Na narrativa, anos antes de integrar e liderar a guarda varegue, Harald, antes de se tornar rei da Noruega, após se recuperar dos reveses enfrentados em batalhas, viaja para as terras russas e, posteriormente, segue para Bizâncio. O texto descreve esse percurso no seguinte trecho: “Harald permaneceu muitos anos em *Garðaríki* e realizou incursões no Báltico oriental. Mais tarde, ele seguiu para a Grécia²⁰ com um grande contingente de homens, indo até *Miklagarðr* [Bizâncio].” (*Haralds saga Sigurðarsonar*, II).

¹⁹ Documento textual que integra a saga dos reis noruegueses, a *Heimskringla*, sendo atribuída a Snorri Sturluson, preeminente aristocrata e político islandês no período pós-conversão ao cristianismo. Apesar de retratar eventos datados do século XI, foi escrita no século XIII. Importante ressaltar que a *Edda em prosa* também é atribuída a Snorri Sturluson, que consiste em uma fonte essencial para a compreensão da mitologia nórdica, apesar de ser póstuma e conter notória influência cristã. A versão que dispomos da *Haralds saga Sigurðarsonar* foi traduzida do nórdico antigo para o inglês por Lee M. Hollander. Todos os trechos do documento neste artigo foram traduções próprias da versão em inglês para o português.

²⁰ Como veremos no tópico III do artigo, os termos *Grikkium*, *GrikkiaR* e *Grikkland*, referentes à Grécia, fazem alusão ao Império Bizantino de forma generalizada dentre os escandinavos.

O termo *Garðariki*, traduzido como “terra das fortificações”, refere-se às regiões russas de Kiev e suas proximidades, onde Harald permaneceu sob a hospitalidade do rei Jarizleif/Jaroslav. Após esse período, a saga aponta que seu próximo destino foi *Miklagarðr*, nome utilizado pelos escandinavos para designar Constantinopla. Segundo Fjodor Uspenskij, em um estudo sobre a etimologia do nórdico antigo, e também Jonathan Harris no livro *Byzantium and the Crusades*, *Miklagarðr* pode ser traduzido como “grande cidade” (USPENSKIJ, 2012, p. 327; HARRIS, 2014, p. 10), evidenciando assim o impacto que Constantinopla exercia na imaginação escandinava e sua relevância nas redes de conectividade entre essas sociedades. Nos versos que narram a chegada de Harald a Constantinopla, as imponentes muralhas da ‘grande cidade’ recebem destaque:

Ventos frescos empurraram nossa valente galera/ correndo em direção à costa/ com proas e popas blindadas,/ nossos orgulhosos navios navegaram até o porto./ De *Miklagarðr*, nosso príncipe famoso avistou os dourados/beirais. Muitas embarcações bem adornadas/ seguiram rumo à cidade de altos muros (*Haralds saga Sigurðarsonar*, II, 80).

Dialogando com evidências epigráficas e outras documentações textuais que mencionam a Guarda Varegue de Constantinopla, como a *Sinopse da História Bizantina*, a *Haralds saga Sigurðarsonar* também destaca a importância desse segmento militar composto por soldados escandinavos. Ao longo da narrativa, Harald não apenas colabora com os varegues em campanhas militares, mas eventualmente assume a liderança desse corpo de elite, reforçando sua posição de destaque tanto no contexto bizantino quanto nas tradições escandinavas. Esse episódio é descrito no fragmento a seguir:

E quando Harald chegou a Bizâncio e se encontrou com a rainha²¹, ele entrou para o serviço militar sob seu comando. Logo no outono, navegou com algumas galeras junto com a frota para o Mar Grego. Harald liderava um destacamento composto por seus próprios homens. O comandante da frota era chamado Gyrgir [Georgios], que era parente da rainha. Harald havia se juntado à expedição há pouco tempo, mas rapidamente conquistou a admiração dos varegues, de modo que todos lutaram juntos nas batalhas. Por fim, Harald tornou-se o líder de todos os varegues. (*Haralds saga Sigurðarsonar*, III).

²¹ Trata-se aqui de Zoe Porfirogênita, rainha e esposa do imperador Miguel IV. Esse monarca bizantino faleceu em 1041, e Zoe governou sozinha durante alguns meses subsequentes.

Esse trecho destaca a integração de Harald na Guarda varegue e a ascensão de sua liderança, evidenciando a importância dessa instituição como um ponto de conexão militar e cultural entre os escandinavos e o Império Bizantino. A narrativa enfatiza o prestígio que a Guarda varegue conferia aos seus integrantes, ao mesmo tempo que evidencia a confiança depositada pelos bizantinos em alguns guerreiros estrangeiros, visando a defesa de seus interesses. O reconhecimento de Harald pelos seus companheiros e sua promoção a líder dos varegues mostram como essa unidade era não apenas uma força militar de elite, mas também um espaço de mobilidade social para estrangeiros, que poderiam ascender a cargos de liderança militar em Constantinopla. Além disso, a menção à relação com a rainha e a liderança de Gyrgir, parente da corte, reflete o papel estratégico da Guarda varegue na política bizantina, operando tanto como guardiões quanto como participantes ativos nas campanhas militares do império. De acordo com Sigfús Blöndal, em sua obra *The Varangians of Byzantium*²², em alguns episódios, as forças estrangeiras no exército bizantino detinham uma relevância maior para o sistema de defesa imperial do que o próprio contingente militar local, sendo esses estrangeiros constituídos de húngaros, itálicos, árabes, dentre muitas outras proveniências, com preponderância dos Rhos-varegues escandinavos (BLÖNDAL, 2007, p. 20 - 22)

Ao longo dos livros subsequentes, antes de deixar *Miklagarðr* após tensões com o imperador e a rainha grega, a narrativa das façanhas de Harald em Constantinopla destaca seu crescimento notável como comandante da guarda varegue, ofuscando até mesmo a liderança de Gyrgir. Suas ações abrangem diversas conquistas e batalhas realizadas sob a égide do Império Bizantino, desde campanhas no Norte da África até operações na região que hoje corresponde ao Oriente Médio. Nessas empreitadas, Harald e seu séquito acumularam grandes quantidades de ouro, posteriormente redistribuído entre o contingente militar e as elites políticas de Bizâncio como espólios de guerra (*Haralds saga Sigurðarsonar*, V - XII).

A trajetória de Harald também é corroborada pelos relatos de Kekaumenos, autor bizantino da obra *Consilia et Narrationes*, do século XI. Nesse texto, são mencionadas as campanhas militares conduzidas por Harald em nome do Império, com destaque para suas atuações na Sicília e na Bulgária. O autor relata que, além de ser recompensado em ouro, Harald recebeu importantes títulos associados à esfera de comando militar, evidenciando o prestígio alcançado pelo escandinavo. Esses elementos não apenas confirmam a participação

²² Destacamos que a primeira publicação da obra foi em 1978. A versão que dispomos é de 2007.

ativa de Harald nas operações imperiais, como também atestam o papel estratégico desempenhado pelos varegues no sistema de defesa bizantino (*Consilia et Narrationes*, VII).

Dessa maneira, a saga de Harald encontra respaldo em fontes bizantinas, que, por sua natureza e temporalidade, estão mais próximas das experiências vividas pelo próprio Harald. Ainda que a *Haralds saga Sigurðarsonar* seja uma obra tardia, composta no século XIII, ela preserva a memória da relevância das operações militares escandinavas no contexto bizantino do século XI. Mesmo que os eventos relacionados a Harald possam não ter ocorrido exatamente como narrados, a saga reflete uma tradição que reconhece o papel destacado dos escandinavos na estrutura militar do Império.

De acordo com o escandinavista Johnni Langer, as sagas constituem um *corpus* literário indispensável para a compreensão não apenas da Era Viking, mas também de diversos processos históricos e conjunturas da Europa medieval. Embora sejam registros elaborados posteriormente aos eventos narrados, às sagas preservam elementos sociais significativos, especialmente aqueles relacionados às sociedades escandinavas, fornecendo uma perspectiva valiosa sobre suas dinâmicas e interações históricas (LANGER, 2009, p. 11-12). Ademais, a articulação entre as sagas e diferentes registros textuais, somados à cultura material e às inscrições epigráficas, podem proporcionar uma perspectiva mais lúcida a respeito dos escandinavos. Nesse contexto, a *Haralds saga Sigurðarsonar* emerge como uma fonte essencial para analisar o impacto cultural de Constantinopla entre os escandinavos, bem como a formação e os desdobramentos das conectividades escandinavo-bizantinas. A narrativa ilustra o papel vital dos escandinavos na esfera militar bizantina, incluindo sua integração na elite da Guarda varegue, responsável pela proteção dos principais detentores do poder no império.

Assim como a *Haralds saga Sigurðarsonar*, a *Yngvars saga víðförla*²³ aborda as viagens escandinavas ao Oriente, incluindo às terras bizantinas. Yngvar, viajante sueco que lidera uma expedição ao Leste em 1036, protagoniza essa narrativa, que apresenta muitos elementos fantasiosos (PRICE, 2021, p. 442), mas que possibilita captarmos a memória das viagens nórdicas ao Leste, assim como a saga de Harald Sigurðsson. Em alguns trechos, a fantasia

²³ Saga lendária escrita no século XIII, que mistura elementos factíveis com narrativas fantásticas, retratando as viagens de Yngvar ao Oriente, contemplando principalmente a Rússia. A versão que dispomos foi traduzida do original em nórdico antigo para o inglês por Hermann Pálsson e Paul Edwards. Todas as citações referentes a esse documento foram tradução própria da versão em inglês para o português.

contida na *Yngvars saga víðförla* pode ser quase imperceptível, mas muitas vezes extravagante, apresentando, contudo, notórios elementos que vinculam a narrativa com a realidade do século XI (PÁLSSON; EDWARDS, 1990, p. 1). Yngvar percorre uma extensa jornada do Báltico ao Mar Cáspio, percorrendo por Kiev e outros assentamentos importantes na região russa. Na viagem de volta, após a morte de grande parte da tripulação, incluindo o próprio Yngvar, alguns desses grupos suecos passam por Constantinopla. Yngvar, ao partir da Suécia em direção ao Oriente, estava respondendo aos seus anseios de obter um título real, mas também, de acordo com G. Larsson, atendendo a demandas e conjunturas políticas e econômicas²⁴ que interligavam a Península Escandinava ao Oriente (LARSSON, 2013, p. 41 – 42).

De acordo com a narrativa, Yngvar se estabelece na Rússia durante três anos, tal como expresso na seguinte passagem: “Yngvar partiu para o mar com seus trinta navios e navegou da Suécia sem baixar uma vela até chegar à Rússia. O rei Jarisleif²⁵ [Jaroslav] o recebeu calorosamente, e Yngvar permaneceu lá por três anos, aprendendo a falar várias línguas” (*Yngvars saga víðförla*, V). A partir desse trecho documental, compreendemos que as conexões entre a Rússia e a Suécia já eram bem estabelecidas nos tempos de viagem de Yngvar, o que é atestado a partir da familiaridade e hospitalidade promovida por Jarisleif/ Jaroslav à Yngvar e sua tripulação. Após a Rússia, a expedição se direciona cada vez mais ao Leste até alcançar o mar Cáspio, passando por diversos assentamentos ao longo do percurso. Na viagem de retorno, Yngvar vem a falecer após muitas batalhas e disseminação de doenças: “Yngvar morreu no ano de Nosso Senhor 1041, aos vinte e cinco anos de idade.” (*Yngvars saga víðförla*, VIII), no entanto, parte de sua tripulação é bem sucedida em retornar à Suécia. A saga destaca os papéis de Ketil e de Valdamar, que acompanharam as empreitadas de Yngvar. Ketil

²⁴ Destacamos as conectividades comerciais e as relações de poder, nas quais Yngvar notoriamente atendia aos interesses políticos e militares de algumas esferas de influência dentre as elites da região russa. Segundo G. Larsson, a principal rota de comércio que interligava Kiev à Constantinopla havia sido ocupada por grupos nômades, os pechenegs, que inclusive chegaram a ocupar Kiev quando Jaroslav estava em Novgorod. A *Crônica primária russa* menciona que em 1036 Jaroslav organizou uma força militar voltada para a retomada do território e expulsão das tribos invasoras, o que pode ter impulsionado a aliança militar com os suecos, tendo em vista que esses grupos também detinham interesses econômicos na região, que podiam ser atendidos a partir da estabilidade de Kiev e outros centros administrativos russos (LARSSON, 2013, p. 142).

²⁵ Grão-Príncipe de Kiev dentre 1019 e 1054, responsável por manter uma forte conexão econômica e política com a Escandinávia da Era Viking.

aparentemente consegue retornar pelo mesmo caminho. No entanto, Valdamar traça uma rota que o faz cruzar por Constantinopla:

Ketil sabia a direção certa e voltou para a Rússia, mas Valdimar conseguiu chegar a Constantinopla com um único navio: o que aconteceu com o resto não podemos dizer com certeza, mas as pessoas acreditam que a maioria deles se perdeu. Isso é tudo o que podemos contar sobre Yngvar, embora saibamos que ele realizou muitas grandes façanhas em sua expedição, como foi descrito por homens eruditos. (*Yngvars saga víðförla*, VIII)

A conclusão da viagem de Yngvar apresenta uma tonalidade dramática, tendo em vista a morte ou desaparecimento de muitos tripulantes que partiram da Suécia rumo ao Leste. No entanto, a passagem supracitada nos chama atenção principalmente pela menção a Constantinopla, incorporando novamente a conectividade escandinavo-bizantina na narrativa das sagas, tal como a *Haralds saga Sigurðarsonar*. Dessa forma, a *Yngvars saga víðförla* consiste em um documento textual relevante para compreendermos a extensão e a natureza dessa conexão, apesar de não expressar seus desdobramentos políticos e econômicos para a realidade bizantina e sueca, diferentemente de outras fontes, como a saga de Harald Sigurðsson, a *Sinopse da história bizantina 811 - 1057* e os *Annales Bertiniani*.

III - *Grikkland*: o Império Bizantino nas estelas rúnicas suecas

Apesar de conter elementos fantasiosos, como a presença de dragões e gigantes²⁶, a *Yngvars saga víðförla* também contém diferentes informações que dialogam com a conjuntura da Era Viking, incluindo a própria liderança de Yngvar e sua passagem pelos diferentes assentamentos no Leste. Após o término das viagens e o retorno de Ketil a Suécia, com as informações sobre o destino trágico da maior parte dos viajantes, 27 monumentos rúnicos foram erguidos em memória aos integrantes da expedição (LARSSON, 2013, p. 42), sendo parte dessa materialidade encontrada por pesquisas arqueológicas na Suécia e em outras

²⁶ No Livro VI, por exemplo, durante sua passagem por algumas ilhas próximas ao território russo, Yngvar e sua tripulação enfrentam um gigante, que é derrotado primeiramente por meio de orações e, posteriormente, em combate direto. Após esse evento, a narrativa introduz um dragão que guardava uma imensa fortuna em ouro na nascente de um rio em uma das ilhas. Yngvar e seus homens elaboram uma estratégia para atrair a atenção da criatura, utilizando a perna do gigante morto e espalhando sal em seu caminho. Essa tática permite que parte do grupo obtenha, de forma furtiva, peças valiosas de ouro. No entanto, alguns tripulantes, movidos pela curiosidade de confrontar e observar o dragão, desconsideram os avisos de Yngvar e acabam encontrando a morte ao enfrentarem a criatura (*Yngvars saga víðförla*, VI).

regiões, havendo inclusive menções ao nome de Yngvar, sendo documentos materiais fundamentais para correlacionarmos a *Yngvars saga víðförla* ao quadro de conectividades sociais envolvendo os povos escandinavos durante o medievo.

Uma amostra dessa cultura material foi encontrada em Berga, na região de Skulturna, Suécia, representando runas inscritas por Gunnvaldr em memória ao seu enteado, morto durante a empreitada de Yngvar ao Oriente: “Gunnvaldr mandou erguer esta pedra em memória de Ormr, seu enteado, um homem bom e valente. E (ele) viajou para o leste com Ingvarr [Yngvar]. Que Deus ajude sua alma” (*Vs. 19²⁷*). A estela rúnica utilizada para a inscrição é representada na **figura 3**, sendo datada da década de 1040, muito provavelmente após o retorno de Ketil com as informações acerca do fim trágico da maior parte dos integrantes da empreitada. O documento deixa evidente que Ormr foi um viajante que integrou a facção de Yngvar ao Leste, tendo morrido ou desaparecido em virtude das batalhas, proliferação de doenças ou desvios, conforme ilustra a saga. Notamos que Gunnvaldr, apesar de expressar a fé cristã em “Que Deus ajude sua alma”, decide conservar a memória de Ormr utilizando as inscrições rúnicas em pedra, lançando mão da simbologia da serpente em nó como modelo estilístico ao erguer o epitáfio²⁸, sendo a *Vs. 19* uma materialidade que expressa

²⁷ Todas as referências às inscrições rúnicas neste artigo foram encontradas no banco de dados *Runor Laddar*, no qual disponibiliza as inscrições em nórdico antigo, sueco moderno e inglês. Utilizamos a versão em inglês para tradução própria para o português. Esse banco de dados apresenta um vasto quantitativo de inscrições rúnicas encontradas, e pode ser acessado a partir do endereço: <https://app.raa.se/open/runor/search>. Todas as estelas rúnicas mencionadas ao longo desse artigo podem ser consultadas inserindo sua nomenclatura ou ID de registro. A *Vs. 19* contém o ID de registro FMIS:10232001130002,

²⁸ De acordo com Johnni Langer, as estelas rúnicas podem incorporar simbologias que nem sempre estão diretamente relacionadas ao propósito original do monumento (LANGER, 2023, p. 55). Embora a articulação entre inscrição e iconografia nas estelas rúnicas não seja uma regra geral, a *Vs. 19* é um exemplo que ilustra essa correlação. Nela, a representação rúnica em forma de serpente entrelaçada carrega um conjunto de simbologias relacionadas às práticas mortuárias da Era Viking, especialmente na Suécia, onde esse estilo foi mais comum, se comparado à Noruega e Dinamarca. Segundo Leandro V. Oliveira, o nó é frequentemente associado aos mortos e às práticas fúnebres, embora nem sempre seja possível determinar se essa associação tem fins estéticos, sociais ou ritualísticos (OLIVEIRA, 2022, p. 495). Por sua vez, a serpente, com sua rica complexidade simbólica, pode ter conotações tanto negativas, como na mitologia nórdica, quanto positivas, e, no contexto das estelas rúnicas suecas, está associada aos mortos. Oliveira ainda observa que essa iconografia é uma característica da chamada “moda sueca”, uma vez que cerca de 50% das runas suecas datadas do século XI exibem esse símbolo (OLIVEIRA, 2022, p. 496–497). Nesse sentido, Gunnvaldr pode ter utilizado intencionalmente esses elementos simbólicos vinculados aos mortos, ao mesmo tempo em que estava inserido em um contexto social e temporal que valorizava essa estética, comum à produção regional da época.

a complexa relação de transição das crenças nórdicas tradicionais ao cristianismo, contendo elementos notáveis das tradições pagã e cristã.



Figura 3: Vs. 19. Estela contendo inscrições rúnicas cravadas por Gunnvaldr, datada entre 1040 e 1049. Imagem disponível em: <https://www.wikidata.org/wiki/Q24701818>. Último acesso em: 25/12/2024.

Assim como a Vs. 19, a estela rúnica U 661²⁹, encontrada em Råby, Suécia, também foi erguida em memória a um dos integrantes da comitiva de Yngvar ao Oriente, contendo a inscrição “Geirvé e Gulla ergueram esta pedra em memória de Qnundr, seu pai, que morreu no leste com Ingvarr [Yngvar]. Que Deus ajude o espírito de Qnundr” (U 661). Gerirvé e Gulla, assim como Gunnvaldr, também utilizaram a simbologia da serpente em nó para compor a inscrição, inserindo também a cruz cristã no centro da estela, como apresentado na **figura 4**. A Vs. 19 e a U 661 são apenas alguns dos muitos exemplos de cultura material que representam as viagens de Yngvar ao Leste, constituindo-se como uma documentação imprescindível para compreendermos as relações escandinavas com as regiões do Oriente.

²⁹ A U 661 contém o Id de registro 10003400670002.

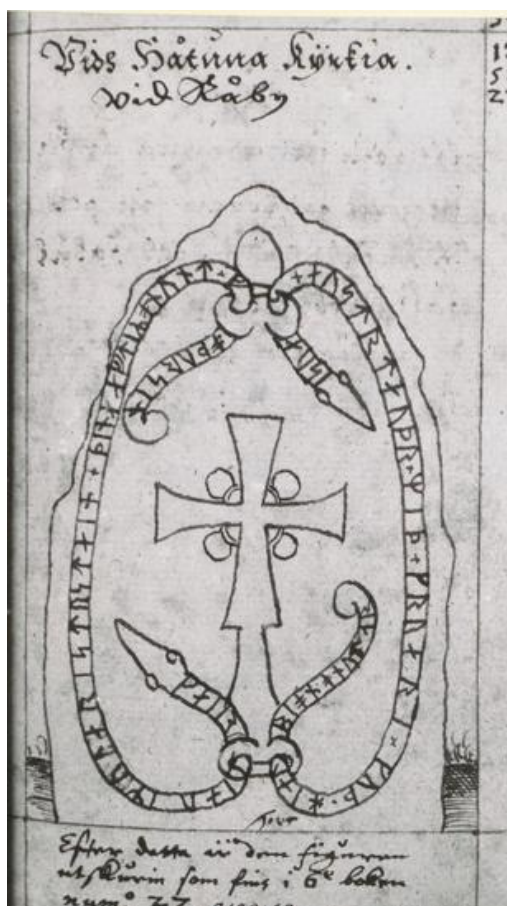


Figura 4: U 661. Representação ilustrativa de uma estela contendo inscrições rúnicas cravadas por Geirvé e Gulla. Datada da primeira metade do século XI. Imagem disponível em: <https://app.raa.se/open/runor/inscription?id=301164fd-5fcf-4b7c-b4d8-2c695df6c47f> Último acesso em: 26/12/2024.

Apesar do *corpus* de estelas rúnicas referentes às viagens de Yngvar serem abundantes, ainda assim eles não mencionam Constantinopla e nem outras regiões de Bizâncio³⁰, ao contrário da *Yngvars saga víðförla*, fazendo referência apenas a *Særkland*, que se refere às terras muçulmanas, como exemplificado pela estela rúnica Sö 281³¹. Entretanto, outras estelas

³⁰ Ressaltamos que a estela rúnica U 540 apresenta a seguinte inscrição: "Eiríkr, Hákon, Ingvarr e Ragnhildr, eles... Ele morreu na Grécia. Que Deus e a mãe de Deus ajudem sua alma." A Grécia/*Grikkium* foi um termo genérico comumente utilizado para fazer referência a Bizâncio (KÄLLSTRÖM, 2016, p. 169), no entanto, o Ingvarr mencionado nessas runas foi quem ergueu a estela. O nome do sujeito que recebeu as dedicações não foi identificado. Essa estela é datada da década de 1030. A U 540 possui o ID de registro 10000100490001.

³¹ "... mandaram fazer o monumento em memória de ... o irmão de Ulfr. Eles no / para o leste ... com Ingvarr [Yngvar] em *Serkland*." [Sö 281]. O sistema Runor não estabeleceu uma datação precisa para essa

rúnicas suecas mencionam de forma profusa os termos *GrikkiaR*, *Grikkium* e *Grikkland*. Magnus Källström afirma que *GrikkiaR* [*Grikki varð*] pode ser traduzido por ‘grego’, enquanto *Grikkium*³² se refere precisamente à ‘Grécia’ e *Grikkland* à ‘terra dos gregos’ (KÄLLSTRÖM, 2016, p. 169 – 171). Toda a região da Grécia balcânica integrava o império bizantino, sendo uma área de grande importância para a manifestação de poder e desenvolvimento das redes de comércio de Bizâncio³³. Porém, as citações referentes à Grécia entre as runas suecas apontam não apenas para o território dos Balcãs. Sven B. F. Jansson, em sua obra intitulada *Runes in Sweden* afirma que *Grikkland* e outros termos que fazem alusão aos gregos nas estelas rúnicas suecas engloba precisamente as zonas do Nordeste Mediterrâneo pertencentes ao Império bizantino (JANSSON, 1987, p. 42). Elena A. Melnikova (1998, p. 654), por sua vez, destaca que essas menções à Grécia dentre os escandinavos se referem genericamente a Bizâncio, perspectiva compartilhada também pelo pesquisador Magnus Källström (2016, p. 169).

As menções ao Império Bizantino e a outras regiões do Oriente nas estelas rúnicas escandinavas superam consideravelmente as referências a territórios ocidentais, como a Inglaterra. Segundo Melnikova, essa disparidade pode ser atribuída à preeminência sueca na produção dessas estelas. A autora enfatiza o estudo das estelas rúnicas descobertas até 1980, quando se apresentavam cerca de 3500 descobertas no território escandinavo³⁴. Dentro desse recorte, cerca de 2500 foram encontradas na Suécia, incluindo a Gotlândia, enquanto o restante se distribui entre a Dinamarca e a Noruega. Desse total, 120 estelas apresentam inscrições que mencionam o Oriente, abrangendo tanto o Leste Europeu quanto regiões sob influência bizantina. Destas, 113 estão localizadas na Suécia, 5 na Dinamarca e 2 na Noruega. Em contraste, apenas 30 estelas fazem referência à Inglaterra. O protagonismo das facções suecas

estela rúnica. No entanto, sua iconografia é similar ao estilo denominado PR2, de acordo com a arqueóloga Anne-Sofie Gräslund, que circularam na Suécia entre 1020 e 1050 (GRÄSLUND, 2006, p. 121 - 126). Id de registro: 10037001230001.

³² Apesar da afirmação de Källström, notamos, a partir da análise de dados do sistema *Runor*, que em algumas estelas rúnicas, como por exemplo, a *U 358* (10008300010001) e a *U 431* (10005700270003), ‘grego’ também é representado pela inscrição *Grikkium*.

³³ Apenas no século XV, com o avanço otomano, que Bizâncio perde o controle da Grécia Balcânica.

³⁴ Após pesquisas arqueológicas mais recentes, o quantitativo já ultrapassou as 3000 estelas rúnicas, de acordo com o sistema de buscas *Runor*. Essa estimativa engloba também evidências não apenas da Escandinávia, mas também de regiões que contemplaram a presença histórica de suecos, dinamarqueses e noruegueses. Apesar da transformação quantitativa dos últimos anos, a Suécia ainda permanece como sendo a região com maior número de produções rúnicas a nível global.

nas expedições orientadas às terras a leste da Península Escandinava explica a predominância das menções a *Grikkland*, *Særkland* e outras regiões orientais, em relação às alusões ao Ocidente (MELNIKOVA, 1998, p. 648). Ainda assim, destacam-se as cinco estelas rúnicas dinamarquesas e as duas norueguesas que mencionam terras orientais, evidenciando que, mesmo no Oeste escandinavo, é possível identificar vestígios materiais que reforçam as conexões com o Leste. Essa materialidade encontra correspondência com a narrativa da *Haralds saga Sigurðarsonar*, que ilustra de forma notável as relações estabelecidas pelos noruegueses com o Oriente.

Porém, as evidências indicam que a hegemonia sueca no que tange as ligações escandinavas com o Leste é incontestável. De acordo com Jansson, as vias marítimas bálticas que conectavam o território sueco com o Oriente, seja o Império Bizantino ou os reinos árabes, já eram ativas na alvorada da Era Viking, e foram as fundações que sustentaram o *status* e a posição da Suécia como potência comercial escandinava e europeia³⁵ (JANSSON, 1987, p. 38). Aglomerados urbanos suecos, especialmente Birka, fomentaram a mobilização de um comércio externo de longa distância variável e abrangente, capaz de suprir a demanda interna crescente de materiais utilizáveis nas produções manufatureiras locais (HEDENSTIERNA-JONSON, 2020, p. 16 - 17). Assim, o posicionamento político e econômico da Suécia, cujos principais conexões se davam com o Leste, refletiram-se no contexto social de produção das estelas rúnicas.

Quanto à retratação de Bizâncio nessa materialidade, encontramos 27 estelas rúnicas distribuídas entre a Suécia e a Gotlândia contendo precisamente a inscrição *Grikkium* (*Krikum* em rúnico), com maior concentração material nas regiões suecas de Uppland e Södermanland, de acordo com dados disponibilizados pelo sistema Runor. Quanto aos termos *GrikkiaR* ou *Grikki varð*, foram detectados 2 estelas distintas, sendo a *U 1016*³⁶, que detém também o termo *Grikkhafnir*, aludindo aos portos gregos, identificada em Södermanland, e a *Sö 170*³⁷, em

³⁵ Segundo Jansson, a mais antiga estela rúnica mencionando uma expedição sueca ao Leste é datada do século IX, tendo sido inscrita por Stygg, em memória a Öjvind (JANSSON, 1987, p. 39). Essa estela citada pelo autor se trata da Ög 8, encontrada na Suécia, que contém a seguinte inscrição: “§A Stigr/Styggr fez estes monumentos em memória de Eyvindr, seu filho. Ele caiu no leste §B com Eivísl. Víkingr colorido e Grímulfir.” (Ög 8).

³⁶ A estela rúnica *U 1016*, datada entre 1000 e 1033, possui o ID de registro 10030001620001.

³⁷ Datada entre 980 e 1015, possui o ID de registro 10037200800001 e apresenta a seguinte inscrição: “Vésteinn, Agmundr (e) Guðvér, eles ergueram a pedra em memória de Báulfir, seu pai, um Þegn de força. Ele esteve com os gregos; então morreu com eles.”

Uppland. *Grikkland*, por sua vez, foi um termo identificado em 3 estelas rúnicas suecas, todas localizadas na região de Uppland. Todo esse conjunto de estelas rúnicas chama atenção da arqueologia e da historiografia em virtude de seu desempenho em retratar as conexões militares e comerciais entre a Suécia e o Império Bizantino. Mesmo que a questão político-militar chame atenção, muito por conta do papel da guarda Varegue dentre as elites imperiais bizantinas, as redes de comércio entre a Suécia e a *Grikkland* são fortemente evidenciadas nessa cultura material, o que ratifica um forte processo de integração econômica da Escandinávia com Bizâncio, já testificada pela interpenetração da numismática bizantina e sua utilização no Norte da Europa.

A já mencionada *U 1016* consiste em um exemplo notável de estela rúnica que permite uma análise da conexão escandinavo-bizantina em termos comerciais. Datada entre 1000 e 1033 e localizada em Uppland, o artefato distingue-se pela sua inscrição rúnica aludindo às viagens de mercados escandinavos em direção aos portos bizantinos/ *Grikkhafnir*, contendo a inscrição: “Ljótr, o capitão, ergueu esta pedra em memória de seus filhos. Aquele que pereceu no exterior chamava-se Áki. (Ele) comandava um navio mercante; chegou aos portos gregos; morreu em casa ... gravou as runas ...” Na mesma estela, identificamos uma liderança sueca, Ljótr, assim como um comandante de uma embarcação, Áki, que possivelmente tinha o objetivo de levar mercadorias escandinavas para Bizâncio, em troca da aquisição das produções gregas. Assim como a grande maioria das inscrições nas estelas rúnicas suecas, a *U 1016* também apresenta um contexto de produção vinculada à dedicação à memória dos entes falecidos, tal como a *Vs. 19* e a *U 661* supracitadas. E assim como a *U 661*, a simbologia da cruz também está presente, como pode ser verificado na **figura 5**:



Figura 5: *U 1016*, estela contendo inscrições rúnicas cravadas por Ljótr, datada entre 1000 e 1033. Imagem disponível em: <https://app.raa.se/open/runor/inscription?id=78bfb3ef-83ee-4428-be9f-6c30b45cc6d7>. Último acesso em 03/01/2025.

Apesar da notabilidade das transações comerciais entre mercadores escandinavos e bizantinos, o que foi refletido na cultura material, especialmente na *U 1016*, um vasto quantitativo das estelas rúnicas suecas que se referem ao Império Bizantino trazem fortes alusões às relações militares, seja a saques e campanhas militares nórdicas direcionadas a Bizâncio, seja com menções a comandantes, capitães ou guerreiros de camadas subalternas escandinavos que serviam na própria organização de defesa bizantina, o que nos permite um aprofundamento ainda mais vigoroso no estudo da guarda varegue, tanto no que se refere ao seu impacto na defesa imperial, quanto a sua constituição a partir da integração das forças escandinavas. O quantitativo de estelas suecas com conotação militar é parte fundamental da constelação documental que pode atuar como fontes indispensáveis para a compreensão da guarda varegue, tal como as já mencionadas inscrições nórdicas na catedral de *Hagia Sophia* e também a documentação textual, especialmente a *Sinopse da História Bizantina: 811 – 1057* e a *Haralds saga Sigurðarsonar*.

O autor Sigfús Blöndal apresenta um levantamento de 21 estelas rúnicas encontradas em Uppland e outras 12 em Södermanland que fazem referência a escandinavos mortos em

campanhas no Leste. Blöndal ressalta que muitas dessas inscrições não mencionam explicitamente termos como *Grikkium*, *GrikkiaR* ou *Grikkland*, referindo-se de forma mais ampla ao Leste ou, em alguns casos, a *Særkland* (BLÖNDAL, 2007, p. 224–228). Segundo ele, seria um erro analítico atribuir todas essas runas à atuação dos varegues nórdicos a serviço do Império Bizantino. No entanto, Blöndal argumenta que pelo menos metade dessas inscrições pode ser associada, com segurança, a essa força militar (BLÖNDAL, 2007, p. 224). Jansson também compartilha dessa perspectiva, associando algumas inscrições rúnicas suecas à Guarda Varegue, mesmo que o termo não seja explicitamente mencionado nas inscrições (JANSSON, 1987, p. 42, 46).

Por sua vez, Elena A. Melnikova observa que o vocabulário militar é significativamente mais recorrente do que o comercial nas inscrições das estelas rúnicas suecas relacionadas às viagens ao Leste. Parte desse léxico militar refere-se aos escandinavos a serviço de Kiev, enquanto outra parte está vinculada a operações bizantinas. Melnikova destaca ainda a fluidez entre os papéis de mercadores e soldados no contexto dessas viagens: enquanto mercadores podiam adotar funções militares em determinadas situações, ambos os grupos estavam sujeitos aos riscos e fatalidades de suas jornadas ao Oriente (MELNIKOVA, 1998, p. 650).

Assim, embora a dimensão mercantil esteja representada em algumas inscrições rúnicas, como a *U 1016*, a temática militar predomina entre as estelas rúnicas suecas que fazem referência ao Oriente, especialmente ao Império Bizantino. Com base nos estudos de Blöndal, Jansson e Melnikova, destaca-se um número significativo de runas que aludem aos varegues escandinavos a serviço dos imperadores bizantinos, reforçando de maneira contundente a conectividade militar entre essas regiões. Na **Tabela 1**, Apresentamos três exemplos destacados de inscrições rúnicas suecas que exibem um léxico marcadamente militar, possivelmente aludindo às operações da Guarda Varegue escandinava a serviço da elite bizantina em *Grikkland*. A tabela abaixo organiza as informações pertinentes, incluindo a numeração rúnica, os respectivos ID de registro, datação, local de descoberta, o conteúdo da inscrição em nórdico antigo sueco e sua tradução para o português:



Numeração rúnica	ID de registro	Datação	Local de Descoberta	Conteúdo (Nórdico Antigo)	Tradução (Português)
Sö 163	10031600400002	1010-1050	Södermanland	<i>Þryðrikr stæin at syni sina, snialla drængia, for Olæifr/Gullæifr i Grikkium gulli skifti.</i>	Þryðrikr ergueu a pedra em memória de seus filhos, homens valentes e habilidosos. Óleifr/Gulleifr viajou para a Grécia e dividiu o ouro.
Sö 170	10037200800001	980-1015	Södermanland	<i>Vistæinn, Agmundr, Guðver, þæir r[æi]þu stæin at Baulf, faður sinn, þrottar þiagn. Hann með Grikki varð, do a þøm þa.</i>	Vésteinn, Agmundr e Guðvér ergueram a pedra em memória de Báulfr, seu pai, um Þegn de força. Ele esteve com os gregos e então morreu com eles.
U 112	11101000000663	1070-1100	Uppland	<i>§A Ragnvaldr let rista runar æftir Fastvi, moður sina, Onæms dottir, do i Æiði. Guð hialpi and hænnar. §B Runar rista let Ragnvaldr. Var a Grikklandi, vas liðs forungi.</i>	§A Ragnvaldr mandou gravar as runas em memória de Fastvé, sua mãe, filha de Ónæmr, (que) morreu em Eið. Que Deus ajude o espírito dela. §B Ragnvaldr

					mandou gravar as runas; (ele) esteve na Grécia, foi comandante da comitiva.
--	--	--	--	--	---

Tabela 1: três inscrições em estelas rúnicas suecas³⁸

Além de todas as runas ressaltadas tratarem de alguma maneira sobre indivíduos que morreram em terras pertencentes a Bizâncio, um primeiro dado que nos chama atenção a respeito desses três exemplos de estelas rúnicas suecas e suas respectivas inscrições é quanto às suas datações. Todas elas abarcam o período que corresponde a formação e a consolidação da guarda varegue em Bizâncio. As estelas *Sö 163* e a *Sö 170* detêm uma datação que corresponde à construção dessa elite militar e sua operacionalização pelas forças imperiais a partir de fins do século X. Já a inscrição U 112 pode ser situada no final do século XI. Embora o sistema Runor atribua à U 112 uma ampla margem cronológica, entre os anos 750 e 1100, seu estilo artístico é compatível com a categoria PR4, conforme a classificação da arqueóloga Anne-Sofie Gräslund. Esta categoria estilística, segundo Gräslund, esteve em circulação entre aproximadamente 1070 e 1100, o que permite uma delimitação temporal mais precisa para o artefato (GRÄSLUND, 2006, p. 122-126).

A segunda questão é acerca dos termos operacionais, cujo análise de conteúdo está em conformidade com a perspectiva de Melnikova acerca da notoriedade do léxico de cunho militar. A *Sö 163* destaca os adjetivos ‘valentes’ e ‘habilidosos’, que se referem aos filhos de Þryðríkr, mortos em *Grikkium*/ Grécia / Bizâncio. Mesmo que tais adjetivos pudessem também estar associados a comerciantes, podem da mesma forma estar vinculados à atividade militar, o que é defendido por Blöndal, segundo o qual argumenta que o termo em nórdico antigo ‘*gulli skifti*’, também presente na *Sö 163*, faz com que essa estela provavelmente esteja honrando um oficial da guarda varegue (BLÖNDAL, 2007, p. 227). O termo refere-se à distribuição de ouro, que pode ter sido feita após pilhagens e redistribuição dos espólios de guerra, ou mesmo

³⁸ Ressaltos que as informações foram extraídas diretamente do sistema Runor. Ademais, as traduções em português foram feitas a partir da tradução em inglês diretamente do nórdico antigo.

ao reconhecimento de serviços prestados. Quanto a *Sö 170*, o léxico militar se apresenta nos termo '*prottar piagn*', relacionado ao uso de força e resistência. Segundo Källström, o termo é pouco usual nas estelas de Södermanland, o que dificulta sua interpretação (KÄLLSTRÖM, 2016, p. 172), no entanto, essa atribuição feita a Báulfr, que morreu junto de bizantinos no Leste, pode atuar como uma reverência a sua aptidão física para a guerra. O vocabulário militar também é claramente perceptível na *U 112*, erguida por Ragnvaldr, que em seu discurso afirma que foi comandante de comitiva em *Grikklandi*. Seu posicionamento e *status* de comando podem refletir seu importante papel desempenhado nas forças de defesa bizantinas. Jansson defende que Ragnvaldr pode ter sido um dos indivíduos que se destacaram no comando da guarda varegue (JANSSON, 1987, p. 72).

Considerando tais apontamentos, é possível identificar que uma significativa parcela das estelas rúnicas suecas faz referência a grupos ou indivíduos que empreenderam viagens ao Império Bizantino, evidenciadas nas inscrições pelos termos *Grikkium*, *GrikkiaR* ou *Grikkland*. Essa materialidade reflete as conexões comerciais e militares entre escandinavos e bizantinos, frequentemente interligadas. No entanto, a análise de conteúdo dessas inscrições aponta para uma predominância de referências militares. De acordo com a historiografia, especialmente Jansson, Blöndal e Melnikova, essas menções possivelmente destacam a atuação da guarda varegue em Bizâncio, estabelecendo um diálogo entre essas inscrições e as fontes textuais.

A proliferação de estelas rúnicas suecas contendo inscrições que tratam da conexão escandinava-bizantina, particularmente em regiões como Södermanland e Uppland, pode ser entendida como um reflexo notável dessa rede de contato na Era Viking. Tal fenômeno não apenas evidencia a dimensão dessas interações, mas também demonstra o impacto que elas tiveram no imaginário escandinavo e na forma como essas sociedades percebiam o Oriente.

Conclusão

As múltiplas evidências documentais reafirmam a relevância da conectividade escandinavo-bizantina durante a Era Viking. Tanto as fontes textuais quanto a materialidade arqueológica fornecem testemunhos substanciais sobre o intercâmbio cultural entre o Império Bizantino e as populações da Península Escandinava, com destaque especial para a Suécia. As análises indicam uma preponderância significativa da dimensão militar nessa relação, evidenciada pelo papel central das forças nórdicas empregadas pelas elites bizantinas em

atividades de defesa, tanto no serviço pessoal ao imperador quanto em campanhas bélicas externas.

No entanto, essa rede de conectividade ultrapassou os limites do âmbito militar. Incrições rúnicas, artefatos culturais e documentos textuais demonstram que o vínculo escandinavo-bizantino também envolvia interesses comerciais, o que não significa uma divisão rígida dessas esferas dentro a mentalidade desses povos. Esses diversos aspectos atestam uma interação complexa e multifacetada, cujos desdobramentos e impactos podem ser observados tanto na circulação de bens e ideias quanto na transformação do imaginário e das estruturas políticas das regiões envolvidas. Primeiramente, podemos destacar a difusão da materialidade bizantina na sociedade escandinava. As evidências numismáticas, bem como artefatos indumentários descobertos em câmaras mortuárias suecas, indicam uma adoção nórdica das manifestações culturais bizantinas, que frequentemente eram ressignificadas e adaptadas ao contexto social escandinavo. Muitas moedas, por exemplo, eram usadas para fins estéticos, enquanto outras eram deliberadamente fragmentadas para facilitar transações comerciais no interior da sociedade escandinava.

Uma segunda questão é o impacto dessa relação no contexto social de produção escandinavo e islandês. O intercâmbio escandinavo-bizantino provocou uma transformação significativa no imaginário nórdico sobre Constantinopla e o Império Bizantino como um todo. Esse fenômeno é claramente refletido na documentação escrita, especialmente nas sagas, que retratam Constantinopla como *Miklagarðr*, o grande lugar, repleto de riquezas, oportunidades, ouro e grandiosas construções, contrastando com as estruturas de assentamento escandinavas, tanto em termos arquitetônicos quanto sociais. A produção literária enfatizou as façanhas de indivíduos de destaque no contexto imperial, como evidenciado na *Haralds saga Sigurðarsonar*. Além disso, a conectividade entre os dois mundos também resultou no aumento da produção de estelas rúnicas, muitas das quais foram erigidas em memória a guerreiros e comerciantes que pereceram em terras sob a influência bizantina.

Apesar desses aspectos, a dimensão militar continua sendo predominante. As evidências sugerem que muitas das estelas rúnicas suecas mencionando Bizâncio foram dedicadas a membros da guarda varegue bizantina, uma unidade composta majoritariamente por escandinavos. Embora não possamos exagerar sobre a presença do contingente nórdico nas forças de defesa do Império Bizantino, é inegável que essas forças desempenharam um

papel fundamental, como demonstrado tanto pela documentação bizantina quanto pela escandinava. A atuação dessa força em Constantinopla e em suas imediações, bem como em regiões de fronteira e fora dos limites do império, é um dos principais desdobramentos dessa relação e tem sido um dos temas mais instigantes na historiografia recente a respeito do tema.

Embora não tenhamos abordado exaustivamente cada um desses desdobramentos, indicamos que eles representam efeitos notáveis da relação entre escandinavos e bizantinos na Era Viking. Essas interações refletem impactos profundos e duradouros no âmbito cultural, político e social. A historiografia e as pesquisas arqueológicas ainda têm um longo caminho pela frente para aprofundar o estudo dessa temática. No entanto, o que se evidencia é a relevância dos empreendimentos nórdicos no Oriente, que se igualam em importância às suas incursões no Oeste, revelando uma dinâmica histórica de conectividade global muito mais ampla e complexa do que se pensava anteriormente.

Referências bibliográficas:

Fontes Primárias

KEKAUMENOS. *Consilia et narrationes*. Translated by Charlotte Roueché. SAWS Edition, 2013.

Laurentian Text. *The Russian primary chronicle*. Translated by Samuel Hazzard Cross and Olgerd P. Sherbowltz-Wetzor. Cambridge Massachusetts, 2012.

SKYLITZES, John. *A synopsis of Byzantine history 811–1057*. Translated by John Wortley. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

SNORRI STURLUSON. The Saga of Harald Sigurtharson. In: *Heimskringla: history of the kings of Norway*. Translated by Lee M. Hollander. Austin: University of Texas Press.

The Annals of St-Bertin: Ninth Century Histories (Vol. 1). Translated by Janet L. Nelson. Manchester: Manchester University Press, 1991.

Vikings in Russia: *Yngvar's saga and Eymund's saga*. Translated by Hermann Palsson and Paul Edwards. Polygon: Edinburgh, 1990.

Fontes Secundárias

AUDY, Florent. How were Byzantine coins used in Viking-age Scandinavia? In:

Byzantium and the Viking world. Uppsala: Uppsala University, 2016. p. 141–168.

BLÖNDAL, Sigfús. *The Varangians of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

CROSS, S. H.; SHERBOWLTZ-WETZOR, O. P. Introduction. In: Laurentian text. *The Russian primary chronicle*. Translated by Samuel Hazzard Cross and Olgerd P. Sherbowlitz-Wetzor. Cambridge Massachusetts, 2012.

DUCZKO, Wladyslaw. *Viking Rus: studies on the presence of Scandinavians in Eastern Europe*. Boston: Brill, 2004.

GARIPZANOV, Ildar. The Annals of St. Bertin (839) and Chacanus of the Rhos. *Ruthenica*, v. 5, 2006, p. 3–8.

GRÄSLUND, Anne-Sofie. Dating the Swedish Viking-Age rune stones on stylistic grounds. In: STOKLUND, Marie *et al* (eds.). *Runes and their Secret. Studys in Runology*. Copenhagen: Museum Tusculanum Press, 2006a, p. 117–139.

HARRIS, Jonathan. *Byzantium and the crusades*. London: Bloomsbury, 2014.

HEDENSTIERNA-JONSON, C. Entering the Viking Age through the Baltic. In: *Relations and Runes: The Baltic Islands and Their Interactions During the Late Iron Age and Early Middle Ages*. Visby: Riksantikvarieämbetet, 2020. p. 11–22.

_____. Close encounters with the Byzantine border zones: on the eastern connections of the Birka warrior. In: *Scandinavia and the Balkans: cultural interactions with Byzantium and Eastern Europe in the First Millennium AD*.

Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2015. p. 139–152.

HORSNÆS, Helle. Byzantine coins from Viking Age Denmark. In: *Myntstudier, Festschrift til Kenneth Jonsson*. Svenska Numismatiska Föreningen, 2015. p. 51–63.

JAKOBSSON, S. Emperors and Vassals: Scandinavian kings and the Byzantine emperor. *De Gruyter*, v. 110, n. 3, 2017, p. 649–672.

- JANSSON, Sven B. F. *The runes in Sweden*. Gidlund, 1987.
- KALDELLIS, A. *Streams of gold, rivers of blood: the rise and fall of Byzantium, 955 A.D. to the First Crusade*. New York: Oxford University Press, 2017a.
- _____. The social scope of roman identity in Byzantium: an evidence-based approach. *Byzantina Summeikta*, v. 27, 2017b, p. 173 - 210,
- KÄLLSTRÖM, Magnus. Byzantium reflected in the runic inscriptions of Scandinavia. In: *Byzantium and the Viking world*. Uppsala: Uppsala University, 2016. p. 169-186.
- LANGER, Johnni. *As religiões nórdicas da Era Viking*. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.
- _____. História e sociedade nas sagas islandesas: perspectivas metodológicas. *Alétheia*, n. 1, 2009.
- LARSSON, G. Ingvar the Far Traveller's Journey: historical and archaeological sources. In: *Between East and West: early contacts between Scandinavia and Caucasus*. Uppsala/Rimbo: Uppsala University, p. 36-48.
- MELNIKOVA, Elena A. Runic inscriptions as a source for the relation of Northern and Eastern Europe in the Middle Ages. In: *Runeninschriften als Quellen interdisziplinärer Forschung*. De Gruyter, 1998. p. 647-659.
- MUCENIECKS, André Szczawlinska. *Austrvegr e Gardaríki: (re)significações do leste na Escandinávia tardo-medieval*. 2014. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014
- NELSON, J. L. Introduction. In: *The Annals of St. Bertin: Ninth Century Histories (Vol. 1)*. Translated by Janet L. Nelson. Manchester: Manchester University Press, 1991.
- OLIVEIRA, Leandro V. Monumento aos mortos: um estudo sobre a função religiosa em pedras rúnicas no final da Era Viking (séc. XI). *Revista M*, v. 7, n. 14, 2022, p. 483-503.
- PALSSON, H.; EDWARDS, P. Introduction. In: *Vikings in Russia: Yngvar's saga and Eymund's saga*. Polygon: Edinburgh, 1990.
- PEETS, J.; ALLMÄE, R.; MALDRE, L. Archaeological investigations of pre-Viking Age burial boat in Salme village at Saaremaa. *Archaeological fieldwork in Estonia*, 2010, p. 29-48.



PRICE, Neil. *Vikings: a história definitiva dos povos do Norte*. São Paulo: Planeta, 2021.

RICHARDS, Julian D. *The Vikings: a very short introduction*. New York: Oxford University Press, 2005.

SAWYER, P. H. *Kings and Vikings: Scandinavia and Europe AD 700–1100*. London and New York: Methuen & Co., 1982.